

## **CERÂMICA E ALIMENTO: UMA PRÁTICA PARTICIPATIVA COMUNITÁRIA**

### **CERAMICS AND FOOD: A COMMUNITY PARTICIPATORY PRACTICE**

Cláudia Vicari Zanatta / UFRGS  
Márcia Braga / UFRGS  
Cerise Gomes / UFRGS

#### **RESUMO**

Este artigo pretende tecer algumas reflexões e questionamentos em torno da experiência do *Projeto Cerâmica e Alimento* como uma prática participativa de viés comunitário desenvolvida entre a Escola Municipal Porto Alegre - EPA (voltada à alunos em vulnerabilidade social, especialmente em situação de rua) e o grupo de pesquisa Cidadania e Arte (UFRGS). O projeto, levado a cabo ao longo do segundo semestre de 2017, buscou aproximar alunos da escola, artistas e comunidade acadêmica em torno a experiências coletivas, tendo a prática cerâmica como eixo aglutinador. Neste contexto específico da EPA nos perguntamos que reverberações uma prática participativa pode produzir em um âmbito social mais amplo? E abordamos como esse processo gerou um espaço dispositivo que aproximou pesquisa e extensão, academia e sociedade por meio da arte participativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte participativa; cidadania; academia; sociedade; vulnerabilidade social.

#### **ABSTRACT**

*This article intends to weave some reflections and questions about the experience of the Ceramics and Food Project as a participatory practice of community bias developed between the Porto Alegre Municipal School - EPA (aimed at students with social vulnerability, especially in street situations) and the group catalog of Citizenship and Art (UFRGS). The project, carried out during the second semester of 2017, sought to bring students from the school, artists and academic community around collective experiences, with ceramic practice as the agglutinating axis. In this specific context of the EPA we wonder what reverberations a participatory practice can produce in a wider social scope? And we approach how this process generated a space device that brought research and extension, academia and society through participatory art.*

**KEYWORDS:** Participatory art; Escola Municipal Porto Alegre; academy; society; social vulnerability.

A sociedade brasileira, a partir de um passado e um presente calcados na discriminação de raça, de gênero e de diferenças financeiras, perpetua na atualidade um histórico de profunda divisão de classes. Segundo o sociólogo Jessé Souza, tal panorama se vincula a um paradigma que define o brasileiro como um povo adaptável, cordial, sentimental, nem sempre produtivo ou trabalhador. Souza chama a atenção também para concepções em nosso meio social que indicariam que as diferenças socioeconômicas no Brasil se devem a que parcelas da população não teriam acedido à uma classe financeiramente superior devido à ausência de empenho e de méritos próprios (SOUZA, 2009).

O educador e sociólogo Miguel Arroyo corrobora as observações de Jessé Souza sobre a sociedade brasileira:

Pertencemos a uma tradição política e cultural extremamente segregadora dos coletivos humanos. De um lado os poucos autodefinidos como racionais, cultos, civilizados, cidadãos curtidos na ética do esforço e do trabalho, previdentes, empreendedores, dirigentes; de outro lado a maioria, ou Outros (sic), inferiorizados como irracionais, primitivos, incultos, preguiçosos, os coletivos indígenas, negros, pobres, trabalhadores, camponeses, favelados, subempregados e subcidadãos. (ARROYO, 2011, p. 139).

A falta de sucesso na sociedade capitalista moderna seria atribuída à incompetência dos sujeitos, encobrindo o fato de que desde seu nascimento a maior parte da população brasileira é submetida à profundas desigualdades sociais: renda ínfima, acesso à escolarização e moradia de baixíssima qualidade, para citarmos apenas alguns aspectos. Como parte fundamental desse panorama, a educação brasileira tendo como base um suposto projeto democrático e universal, acabaria, muitas vezes, atuando como um espaço de reprodução tanto da ideologia que Jessé Souza indica, quanto das condições desiguais que a mantém.

## **A EPA**

Neste contexto de tantas adversidades e injustiças sociais a Escola Porto Alegre (EPA)<sup>1</sup> destaca-se pelo trabalho que vem construindo ao longo de 22 anos no sentido de promover e facilitar o acesso à educação a uma parcela marginalizada da sociedade brasileira cada vez mais relegada e destinada à invisibilidade. A construção da metodologia sobre a qual se estrutura o processo educativo da escola

BRAGA, Márcia; GOMES, Cerise; ZANATTA, Cláudia Vicari. Cerâmica e alimento: uma prática participativa comunitária. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2157-2167.

remete ao ano 1994 quando, a partir de uma série de entrevistas e vivências na rua, professores vinculados ao Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) e o grupo dedicado a Educação Social de Rua<sup>2</sup> começam a gestar uma proposta político pedagógica baseada no acolhimento e no afeto (FARIAS, 2017).

Renato Farias dos Santos em sua dissertação de mestrado intitulada “*O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do núcleo de trabalho educativo da Epa*” apresenta uma série de dados importantes para o entendimento ampliado da situação da comunidade junto a qual a EPA trabalha e que reforçam a necessidade dessa aproximação. Segundo o autor o Censo (IBGE) de 2010<sup>3</sup> mostrava que Porto Alegre tinha uma população de 1.409.351 habitantes (estimada em 2017 em 1.484.941) sendo que, o Cadastro e Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre<sup>4</sup>, indicava que, neste momento, 2.115 destes habitantes (adultos) viviam em situação de rua<sup>5</sup>. A crise dos últimos anos agravou ainda mais esta situação a ponto de zonas da cidade, como o viaduto da Borges de Medeiros localizado no centro da cidade, acabarem se transformando em um grande acampamento coletivo escancarando uma realidade absolutamente comovente e dolorosa, mas que muitos governos e boa parte da população ainda insistem em não ver.

A “ralé” (SOUZA, 2009) sobrevive graças a iniciativas como ONGs ou grupos informais solidários, que pese a “nobreza” dos seus gestos, fazem caridade atuando sobre situações pontuais, as quais não enfocam a construção de algum tipo de mudança profunda no estado das coisas. Neste contexto, a EPA busca desenvolver uma proposta de emancipação pessoal e social da população em situação de rua, baseada em processos educacionais. Para se ter uma dimensão deste trabalho em 2017, 80% dos alunos estavam em situação de rua. A faixa etária dos estudantes matriculados na EPA é 30 e 33 anos sendo que 75% dos estudantes são homens e 25% mulheres e destes 35% são brancos, 60% negros (pretos/pardos) e 5% indígenas (FARIAS, 2017). Este espaço educativo constitui-se, portanto, como um espaço de resistência à medida que acolhe esta população, entende sua realidade e a partir dela fomenta uma educação afetiva e inclusiva.

Além do ensino em sala de aula, centrado nos processos de alfabetização, os alunos têm a possibilidade de, no contra-turno escolar, frequentar diferentes oficinas oferecidas regularmente na escola como: de papel artesanal, de jardinagem, de cerâmica e de informática. A partir destas oficinas são realizados uma série de projetos que buscam desenvolver as capacidades e habilidades individuais capacitando o aluno profissionalmente e abrindo uma possibilidade de reinserção na sociedade a partir do seu trabalho. Este contexto veio ao encontro das propostas do grupo multidisciplinar Cidadania e Arte.

### **O cidadania e arte**

Cidadania e Arte<sup>6</sup> é um grupo que faz parte da linha de pesquisa “Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania”, originado no Instituto e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2014. Desde então o grupo vem desenvolvendo ações que envolvem uma prática artística crítica no espaço urbano. Cidadania e Arte investiga e produz estratégias de ação de arte pública participativa, identificando e discutindo a produção em arte voltada para a geração e reativação de espaços públicos, com foco em poéticas que problematizem questões relacionadas à participação e à cidadania. A partir de inserções artísticas no espaço urbano o grupo busca provocar reflexões e discussões sobre a vida nas cidades contemporâneas.

Em 2017, ao tomar conhecimento de que a EPA estava sofrendo um processo governamental para ser fechada e mantinha seu funcionamento devido à liminar judicial, o grupo Cidadania e Arte se aproxima da escola no intuito de buscar instaurar de modo participativo com a comunidade escolar o que irá denominar de “espaço dispositivo”. Este encontro entre o grupo de pesquisa e a EPA resultou em uma proposta de arte participativa intitulada Cerâmica e Alimento.

### **O projeto Cerâmica e Alimento**

O projeto Cerâmica e Alimento foi realizado durante o segundo semestre de 2017 e envolveu a realização de encontros semanais na escola EPA entre professores, alunos e artistas convidados externos à escola, com níveis de conhecimento diferentes em relação à produção cerâmica<sup>7</sup>. Em cada encontro semanal dois convidados externos à escola desenvolveram junto aos alunos em situação de rua uma troca de saberes objetivando a realização de um objeto por cada participante:

BRAGA, Márcia; GOMES, Cerise; ZANATTA, Cláudia Vicari. Cerâmica e alimento: uma prática participativa comunitária. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2157-2167.

uma pequena tigela de cerâmica<sup>8</sup>. O projeto caminhou no sentido de tornar a sala de aula um ambiente de formação compartilhado que pudesse aproximar o conhecimento gerado na escola a outros saberes externos, vinculados ou não à academia, a partir da troca entre artistas convidados e alunos em vulnerabilidade social.

Assim, os colaboradores que já possuíam conhecimentos em relação à cerâmica contribuíram no sentido de motivar os alunos a explorarem as possibilidades de realização das tigelas a partir de diferentes técnicas. Os alunos se mostraram muito receptivos e aceitaram alguns desafios propostos por estes artistas, como o que envolvia a modelagem de peças no torno, experimentando este instrumento com seriedade e vontade. Cada peça “levantada” por um aluno ou colaborador era comemorada por todos, conformando o ambiente alegre e saudável que se repetiu durante os encontros. Os alunos da escola também compartilharam seus saberes e incentivaram aqueles colaboradores que não tinham experiência com a cerâmica a modelarem sua tigela, além de emprestar moldes e ferramentas.

Após a produção das peças cerâmicas foi realizado na EPA um almoço coletivo aberto à comunidade no qual foram utilizadas tigelas produzidas durante os encontros semanais na escola e outras doadas por artistas porto-alegrenses. Em tais vasilhames foram servidos alimentos preparados na cozinha da própria escola. Durante o evento alunos, professores e público externo confraternizaram em um momento único construído a partir do compartilhamento do alimento. Moradores em situação de rua e comunidade em geral almoçaram conjuntamente e as tigelas puderam ser comercializadas.





Figura 1: *Cerâmica e Alimento*. Alunos da escola e convidados modelando tigelas em sala de aula. Foto das autoras. 2017.



Figura 2: *Cerâmica e Alimento*. Almoço realizado na EPA. Foto das autoras. 2017.





Figura 3: *Cerâmica e Alimento*. A confraternização envolvendo alunos, colaboradores e visitantes  
 Foto das autoras. 2017.

### **Cerâmica e alimento como espaço dispositivo**

*Cerâmica e Alimento* mais do que ser proposto como um projeto, foi pensado como um dispositivo para articular relações entre diferentes pessoas e modos de habitar Porto Alegre. A noção de dispositivo é de uso frequente na arte contemporânea, tendo diversos matizes dependendo das noções conceituais às quais tal conceito é vinculado. No caso de *Cerâmica e Alimento*, se trabalhou muito próximo à ideia de *Espaço Dispositivo* proposta pelo grupo paulista Contrafilé<sup>9</sup>, em contraponto à noção de *espaço expositivo*. Ou seja, o entendimento de um espaço não para dar a ver algo, mas para disparar situações, acontecimentos.

Em 2016, ao ser convidado para participar em uma exposição no MASP<sup>10</sup>, Contrafilé criou no museu o que veio a denominar de Espaço Dispositivo, compreendendo uma instalação com mudas de árvores, materiais gráficos e banquinhos que abrigaram conversas entre professores, estudantes e interessados em geral sobre o tema das ocupações secundaristas que estavam ocorrendo nas escolas de SP naquele

BRAGA, Márcia; GOMES, Cerise; ZANATTA, Cláudia Vicari. *Cerâmica e alimento: uma prática participativa comunitária*. In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2157-2167.

momento. Ou seja, tanto na proposta de Contrafilé quanto no Cerâmica e Alimento não se tratava de apresentar, auto-apresentar<sup>11</sup> ou expor algo, mas de se *expor a algo*. E principalmente se expor a algo da ordem do coletivo e não da ordem do artista como um criador individual. Se propunha a própria criação como um *corpus coletivo* gerador de um espaço complexo. Quando dizemos espaço complexo nos referimos ao fato das relações político-sociais estarem presentes e nortear o direcionamento dos encontros e do que foi criado a partir deles.



Figura 4: Projeto para um Espaço Dispositivo. Contrafilé.  
 Fonte: <[https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a\\_batalha\\_do\\_vivo](https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a_batalha_do_vivo)>. 2016.

Se Contrafilé estava em 2016 atuando na urgência e em meio ao movimento estudantil das ocupações, Cerâmica e Alimento foi disparada pela iminência latente do fechamento da EPA e, conseqüentemente, do apagamento de uma proposta de mais de 20 anos voltada a pessoas em situação de rua. Neste âmbito, qualquer tentativa de trabalharmos com a noção de exposição nos pareceria trazer (e trair) o entendimento que temos da prática artística como prática implicada no campo social,



com o compromisso da ação direta e, no caso específico aqui abordado, do necessário posicionamento pragmático em relação contrária ao desmanche da EPA.

### **Considerações Finais**

Tanto Contrafilé como a EPA tem como referente fundamental o pensamento do educador popular Paulo Freire, o qual vinculava a prática educativa à problemáticas sociais, a partir de um enfoque crítico<sup>12</sup>. Aproximar política, educação e sociedade para aprender e ensinar como processos coletivos de pessoas que se encontram presencialmente para articularem práticas a partir de suas diferenças e pluralidades sempre foi o enfoque de Freire. O pedagogo chamava a atenção de que tais processos, além de serem frutos de criação e de invenção, também se constituem de dúvidas, conflitos e negociações, justamente por trabalharem com a ideia de aproximar pessoas provenientes de diferentes contextos de vida.

No caso específico do Cerâmica e Alimento na EPA, artistas, pessoas em situação de rua e professores buscaram gerar um espaço dispositivo que lhes possibilitasse estar juntos, criar e se alimentar juntos, mesclando prática artística participativa e ação direta, embaralhando os papéis de cada partícipe (as noções de arte, artista, o propositor, participante foi substituída pela noção de cidadão) nesse processo.

Pensar a arte não desvinculada do campo social leva a questionamentos cruciais sobre o papel que as práticas artísticas têm desempenhado no contexto brasileiro: a que classes ela tem servido? E qual nossa responsabilidade social como professores-pesquisadores-artistas produtores e reprodutores de capital cultural simbólico em contextos de adversidade? Seguiremos em nossa prática a reforçar estereótipos e construções ideológicas sem o compromisso de problematizá-las e sem inquirir sobre suas condições sociais de produção e reprodução?

Em um panorama dos mais graves em nosso país, em um momento de emergência onde o desmonte da EPA e da universidade pública são parte de um mesmo modo injusto de ser e estar no mundo, mesmo tendo clareza dos limites de nossas ações e teorizações, podemos afirmar que Cerâmica e Alimento ousou pensar e buscar construir um outro horizonte pelo qual pudéssemos caminhar. E também para alimentarmos coletivamente nossa esperança no que Paulo Freire não cansava de

nos lembrar, na possibilidade de mudarmos as coisas: “O mundo não é, o mundo está sendo” (FREIRE, 2004).

## Notas

<sup>1</sup> Além da EPA só mais uma escola no Brasil, localizada em Brasília está especialmente voltada para a educação de cidadãos em situação de vulnerabilidade social e situação de rua. Para mais informações sobre a EPA consultar: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>>.

<sup>2</sup> Serviço da FESC criado para realizar a abordagem e acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de rua.

<sup>3</sup> Para mais informações consultar: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>

<sup>4</sup> Realizado, em 2016, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que atendia a um contrato com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc).

<sup>5</sup> Conforme reportagem do jornal Sul 21, de 30 de maio de 2017, estes números têm sido contestados, pelo Movimento Nacional da População de Rua, pois, segundo sua estimativa, a população em situação de rua em Porto Alegre pode chegar a ser três vezes maior.

<sup>6</sup> Para mais informações consultar: <<https://cidadaniaearte.wordpress.com/>>.

<sup>7</sup> A inspiração para as ações surgiu a partir de um evento promovido em 2015 em Porto Alegre no qual foi servido um almoço em cumbucas de cerâmica feitas e doadas por artistas porto-alegrenses. A renda arrecadada no evento foi revertida para uma ONG cujo trabalho está centrado na produção e distribuição de alimento para pessoas em situação de rua.

<sup>8</sup> O projeto também envolveu a recuperação do espaço de um forno de barro existente no pátio da escola. O forno havia sido construído por alunos da EPA em 2016. Com o auxílio de estudantes de graduação em Artes Visuais, o espaço do forno foi restaurado e preparado para que ocorressem no local queimas de peças cerâmicas e também para que o mesmo fosse utilizado para cocção de alimentos, caso os alunos da escola assim desejassem.

<sup>9</sup> O Contrafilé é formado pelos artistas e educadores Cibele Lucena, Jerusa Messina, Joana Zatz Mussi, Peetssa e Rafael Leona, foi criado no início dos anos 2000, em São Paulo, e desenvolve uma prática artística vinculada ao meio urbano contemporâneo.

<sup>10</sup> Exposição *Playgrounds 2016* no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Contrafilé participou por meio do “Espaço-dispositivo para conversar sobre a escola que queremos: se a escola se repensa, o que acontece com os outros espaços?”.

<sup>11</sup> Conceito criado pelo artista e professor brasileiro Hélio Ferverza. Segundo Ferverza: “Numa outra posição em relação ao campo artístico, temos a Auto-apresentação, que foi uma noção criada por mim, com o objetivo de abordar atividades e produções artísticas que não visam necessariamente a uma apresentação no sentido de exposição, nem também um público ou um observador. Elas enfatizam os processos de criação e vivência artística pessoais, e o uso de conhecimentos, situações ou materiais não pertencentes em princípio ao campo da arte, às suas práticas ou às suas tradições. Entre os aspectos que produzem a apresentação de um objeto, ação ou situação como arte, encontram-se também concepções indicando que esse objeto, ação ou situação, pode ser arte ou de que aí está ocorrendo arte. A exposição e a auto-apresentação constituiriam dois aspectos da apresentação no campo da arte contemporânea e, ao mesmo tempo, indicariam limites da atuação desse campo e das concepções da arte aí relacionadas.” In: “Formas da Apresentação: da exposição à auto-apresentação como arte.” Disponível em: <http://www.helioferenza.net/pesquisa/index.htm>

<sup>12</sup> Contrafilé trabalhou em várias ocasiões junto à Fátima Freire, filha do pedagogo e colaboradora do Instituto Paulo Freire. Informações sobre o Instituto Paulo Freire em: <<http://www.paulofreire.org>>.

## Referências

ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

EPA. Site da escola. <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>

dos SANTOS, Renato Farias. *O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do núcleo de trabalho educativo da EPA*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação - Programa de Pós-graduação em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

GRUPO CONTRAFILÉ, SECUNDARISTAS DE LUTA E AMIGOS. *A Batalha do Vivo. Caderno da Exposição Playgrounds 2016*. São Paulo: Masp/SESC Interlagos, 2016.

---

KESTER, G. H. *The one and the many: contemporary collaborative art in a global context*. E-book. Durham: Duke University Press, 2011.

SOUZA, Jessé. *Ralé brasileira : quem é e como vive*. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

**Claudia Zanatta – UFRGS**

Artista. Professora do Departamento de Artes Visuais e PPG-Artes Visuais – UFRGS. Líder do grupo de pesquisa CNPq Arte Pública Participativa: articulação entre poética e cidadania. Membro da ANPAP.

**Cerise Gomes – UFRGS**

Cerise Gomes. Licenciada em Letras pela UCS, Mestre em Lingüística, UFRGS, Especialização em Filosofia Política pela UCS. Faz parte do grupo Cidadania e Arte – UFRGS

**Márcia Braga – UFRGS**

Márcia Braga. Mestranda em Artes Visuais PPGAV-UFRGS, pós graduada em Arquitectura, Arte e Espaço Efêmero pela Universidad Politécnica de Cataluña. Faz parte do grupo de pesquisa Cidadania e Arte – UFRGS.